

Homilia da Assunção de Nossa Senhora

“Apareceu no Céu um sinal grandioso: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap.12 1).

Celebramos com alegria a Assunção de Nossa Senhora aos Céus, padroeira da nossa Catedral. Unidos na fé somos a Igreja peregrina a caminhar na esperança pascal. Hoje elevamos o nosso olhar para a Virgem Maria Assunta ao Céu, como modelo de fé para os crentes e de esperança para as famílias.

A festa da Assunção de Maria ao Céu, no Oriente chamada “dormição da Virgem”, insere-se precisamente no cerne desta questão: a Assunção de Nossa Senhora recorda-nos, liturgicamente, o momento em Ela que foi elevada à glória do céu em corpo e alma, ao terminar a sua vida terrena, a sua peregrinação na terra.

Esta doutrina foi oficialmente proclamada como Dogma pela Igreja Católica em 1950. No dia 1 de novembro de 1950, o Papa Pio XII, movido pela fé viva do povo de Deus e após longos anos de reflexão e consulta ao episcopado do mundo inteiro, proclamou solenemente o Dogma da Assunção da Santíssima Virgem Maria em corpo e alma à glória do Céu. Esta verdade, contida no depósito da fé desde os primeiros séculos do Cristianismo, foi definida de forma infalível através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*.

“A Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste.” (*Munificentissimus Deus*, 44)

Este dogma mariano, não é apenas um elogio à vida santa de Maria, mas exalta a dignidade singular da Mãe de Deus, a mulher cheia de graça, que nos aponta o caminho para o destino glorioso que nos aguarda, a todos os que peregrinamos unidos a Cristo.

A Igreja, na sua peregrinação de fé, compreendeu desde os primeiros séculos do cristianismo, que em Maria, Mãe do Ressuscitado, a mulher nova permitiu o “diálogo milagroso” entre Deus e o homem. Estava assim antecipada a meta gloriosa, em que cada ser humano anseia chegar: a nossa santificação e glorificação junto de Maria, será o prémio de uma vida unida a Deus à semelhança de Maria. A assunção de tudo o que é humano e de cada ser humano à vida divina do próprio Deus é sempre uma experiência sobrenatural de fé, que nos leva à comunhão de vida com Deus, seguindo os passos de Maria.

Esta festa de Maria é sinal de esperança para o mundo e motivo de alegria e confiança na vida eterna. Coroamento da esperança na Ressurreição de Cristo, meta final da nossa caminhada espiritual, a grande marca do cristianismo, que nos projeta no mistério da morte e Ressurreição de Cristo, palavra definitiva, pronunciada sobre o destino último do ser humano e de toda a criação.

Neste Ano Jubilar, a peregrinação tem todo o sentido quando nos liga à vida quotidiana de Jesus, Maria e José, que também foram emigrantes na terra do Egito, fazendo o seu caminho, através da martirizada terra de Gaza, ou na recordação da visita de Maria a Santa Isabel, em *Ein Karem*, onde proclamou solenemente o Magnificat, como acabámos de escutar no Evangelho. “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador”.

Maria ao visitar Isabel entoa o Magnificat, proclamando a grandeza do Senhor, que ilumina o caminho da nossa fé e o modo como devemos disponibilizar a nossa vida para nos dedicarmos ao serviço dos irmãos e do cuidado das famílias.

Não é difícil entender o que aconteceu com Maria e em Maria, se dialogarmos com as palavras do Evangelho, que nos falam do seu encontro com a sua prima Isabel, exulta de alegria e canta o Magnificat. “O todo poderoso fez em minha maravilhas, Santo é o seu nome”. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva, Maria é o exemplo seguro do caminho, que cada crente deve fazer, até possuir a vida que nos introduz no coração de Deus., na bem-aventurança eterna.

Maria, é a imagem da Igreja peregrina, que continua a proclamar através dos tempos a glória de Deus, presente nos humildes, nos que rezam, nos que servem a humanidade e se oferecem para em tudo “fazer a vontade de Deus”.

O amor da Virgem de Nazaré “gera” o Espírito Santo na velhice de Isabel, que reconhece na fé de Maria a origem desta circulação de amor divino: “Feliz daquela que acreditou, em tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor”.

Maria, ao entoar o Magnificat, glorifica o Senhor, exulta em Deus seu Salvador, porque pôs o seu olhar na humildade da sua serva e pede a todos os cristãos o dom da fidelidade, ao seu Senhor. Deus eleva aqueles que se abaixam e que servem, por isso a fé de Maria realiza-se na sua missão de serva e Mãe do Senhor.

O livro do Apocalipse, escutámos dizia-nos: “O tempo de Deus abriu-se no céu e a arca da aliança foi vista no templo”. Maria de Nazaré é a Arca da Nova Aliança que transporta o Salvador pelas montanhas da Judeia, que faz exultar João Batista no ventre de sua mãe Isabel. Este Jesus, que enche de alegria João Batista e sua mãe é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Aquele, que venceu a morte e ressuscitou para nos oferecer a vida nova.

Isabel saúda e agradece a visita de Maria, exclamando: “Donde me é dado, que venha ter comigo a Mãe do Meu Senhor”.

O encontro com Jesus gera vida e alegria, por isso o Apóstolo São Paulo lembra-nos: “Cristo Ressuscitou de entre os mortos, como primícias dos que estão adormecidos” (1Cor 15,20). E Ele é o primogénito de entre os mortos” (Col 1,18). A Ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé cristã na vida eterna, na esperança de que nós um dia também havemos de ressuscitar e participar da glória de Maria.

Devemos reconhecer com honestidade a nossa dificuldade em acreditar na Ressurreição, da qual em cada Eucaristia fazemos memorial na esperança da Páscoa definitiva. “Anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa Ressurreição, vinde Senhor Jesus”.

Ao celebrarmos a Eucaristia proclamamos a nossa fé na vida eterna e acreditamos na vida do mundo, que há de vir. Participando no mistério da Assunção de Maria elevada ao Céu, a nossa carne mortal participa da vida, que está escondida em Deus. Maria elevada ao Céu, é para nós motivo de contemplarmos a realização plena e perfeita da promessa feita aos nossos pais. A ressurreição e a vida eterna, oferecida por Cristo à humanidade como primeiro fruto da seara, faz de Maria Medianeira de todas as graças e como afirma o Concílio Vaticano II é, “um sinal de esperança segura e de consolação para o Povo de Deus peregrino” (LG, 68).

A Assunção de Maria é também um sinal visível da vontade amorosa de Deus para glorificar os humildes, que, como Maria, se entregam inteiramente à Sua vontade divina, servindo os mais pobres e humildes da sociedade.

O sim da Virgem de Nazaré encontra a sua plena resposta e recompensa na glória do Céu, onde continua “a cuidar dos irmãos de Seu Filho, que ainda peregrinam na terra, no meio de dificuldades, de provações e de esperanças. A mulher, a discípula fiel, que acolheu a Palavra de Deus no coração e no ventre, fez dela vida e alimento ao acompanhar o Seu Filho até à morte na cruz. Agora participa para sempre, plenamente enaltecida da glória do Seu Filho Ressuscitado.

Celebrar a festa da Assunção é vislumbrar a vitória da graça sobre o pecado, do mal sobre a morte. A fidelidade a Deus e às Suas promessas, fizeram de Maria de Nazaré, modelo do crente, por isso Ela é motivo de alegria e júbilo para todo o Povo de Deus.

Nesta festa de Nossa Senhora da Assunção, quero agradecer a peregrinação que recentemente a Diocese fez ao Santuário de Lourdes, o Jubileu dos nossos jovens a Roma.

Com confiança e esperança, espero que muitos possamos preparar espiritualmente a peregrinação diocesana a Fátima, programada para o próximo dia 4 de outubro. Todos juntos peçamos à Mãe de Jesus, a sua intercessão para cada um de nós, para um mundo melhor, sem guerras, fome, devastação, nem indiferença, onde reine a paz, a justiça, a solidariedade e a fraternidade entre todos os povos.

Os enormes incêndios, que afetaram, nos últimos dias, as populações dos concelhos de Sátão, Aguiar da Beira, Fornos de Algodres e Viseu, assim como outros concelhos da Diocese, do distrito de Viseu e restantes partes do país. Lembremos os bombeiros, soldados da paz, que por estes dias combatem as chamas, a proteção civil, a GNR e os governantes, bem como todas as pessoas voluntárias, que viram os seus bens e haveres destruídos pelo fogo. Pedimos a proteção da Santa Mãe de Deus, oásis seguro, âncora de salvação, porta do Céu, de quem experimenta tanto sofrimento, mas acredita na força espiritual, que nos vem através da oração.

O fenómeno das alterações climáticas que afetam tantas regiões do nosso mundo através dos incêndios, ou das cheias destruidoras, que pela força das águas e dos ventos, causam inúmeras mortes e destruição da vida das pessoas, terras e bens. O que aconteceu em países do Norte da Europa, na Ásia e recentemente em Cabo Verde, ilha de São Vicente e de São Nicolau são uma tragédia a nível mundial.

Convido todos os cristãos a pedir a Nossa Senhora, a Mãe bondosa e carinhosa, que se encontra junto de Deus na Sua glória, que interceda junto de seu Filho Jesus, para que nos livre dos males e perigos e alivie as dores provocadas por tão grandes calamidades humanas, sociais, políticas, regionais, nacionais e mundiais. Só Deus nos pode ajudar e pôr termo a tão grave e grande flagelo.

Nesta 53.^a Semana Nacional das Migrações, dedicada ao tema “Migrantes: missionários da Esperança”, recordemos a missão dos emigrantes e imigrantes na construção do mundo em que vivemos e da Igreja, que queremos ser, enquanto peregrina nas diversas partes do mundo.

Não podemos esquecer as notícias de violência no Haiti, nem a guerra na Faixa de Gaza, na Ucrânia e em tantos países da África e nações do mundo que se vêm destruídas com os

seus povos ameaçados na sua integridade e dignidade humana. De tantos males que estão a acontecer e a destruir o equilíbrio da “Casa Comum e da Humanidade”, livrai-nos Senhor. Que a Santíssima Virgem elevada à glória do Céu nos proteja com o seu manto maternal, nos livre de todo o mal e nos conduza à Bem-Aventura Eterna.

Que a Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, caminhe connosco neste vale de lágrimas. Unidos nas preces pedimos que interceda junto do seu Filho em prol das famílias, das vocações, das nações, da Igreja e do mundo necessitado de justiça e de paz. Ámen!

Viseu, 15 de agosto de 2025

+ António Luciano, Bispo de Viseu